



Diocèse de Lausanne, Genève et Fribourg

## Carta Pastoral

# « O Evangelho que continua »

Mgr Charles MOREROD OP

*Fevereiro 2018*

Pergunta-se, com base nas estatísticas, qual será o futuro da Igreja na Suíça. Antes de mais, não esqueçamos que o Espírito Santo não segue as curvas gráficas. Dito isto, o Espírito Santo trabalha também connosco, e nós devemos, com a Sua ajuda, tentar discernir o futuro da Igreja na nossa sociedade. Quase todos pensam saber o que é o cristianismo e o que é a Igreja. A percepção varia um pouco segundo as gerações. Entre os mais velhos, encontramos por um lado crentes convictos e por outro pessoas que vomitam uma Igreja entendida - na sua juventude - como opressiva; estas duas atitudes foram em parte transmitidas. Ao mesmo tempo, vejo pessoas que descobrem a fé com uma admiração maravilhada, e sofrem por serem ridicularizadas por não pensarem como todos os demais (o conformismo mudou de lado...).

Tomemos a sério aquilo de que somos criticados. Quando algumas pessoas me dizem, com exemplos terríveis, que na sua infância a aldeia era escrava do padre, eu só posso acreditar neles, mas certamente sem generalizar. A Igreja é muitas vezes entendida como uma entidade obcecada pela moral, que quer impor aos outros mas que os seus próprios representantes não vivem.

Onde está então o problema? A nossa religião é má? Para responder a esta questão, devemos antes de mais, olhar para o modelo, isto é, Cristo. Ele é mau? Fiquei impressionado ao ver um jornal diário francês colocar na capa um terço com o grande título: «Socorro, Jesus está de volta!»<sup>1</sup>. Acontece que, em geral, se olharmos para Jesus no Evangelho, ele suscita um interesse positivo também entre os não-cristãos. E se Jesus é rejeitado agora, é por causa dele ou por causa da imagem que damos dele? Em 1965, o Concílio Vaticano II pôde dizer: «Nesta gênese do ateísmo, os crentes podem ter também uma quota-parte que não é pequena, na medida em que, por negligência na sua educação da fé, por apresentações enganosas da doutrina, e também por falhas na sua vida religiosa, moral e social, podemos dizer que ocultam mais o rosto autêntico de Deus e da religião do que o revelam»<sup>2</sup>. João Paulo II retomou este tema nos seus pedidos de perdão no ano 2000<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Jornal « Libération » de 24 de Novembro de 2016.

<sup>2</sup> Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual, Gaudium e Spes ( 7 de Dezembro de 1965 ), § 19.

<sup>3</sup> Por exemplo na sua homilia de 12 de Março de 2000, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20000312\\_pardon.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon.html).

É sempre justo dizerem-nos que não refletimos suficientemente o Evangelho que pregamos. Aliás, é por isso mesmo que o pregamos: colocamo-nos diante do Evangelho bem conscientes da necessidade de a ele também nós próprios nos convertermos, pedindo a graça de Deus para a tanto nos ajudar. Eis o nosso programa: tornarmo-nos cada vez mais parecidos com Cristo, porque ser cristão é «ser de Cristo». Para isso devemos conhecê-Lo, e nós sabemos como Ele nos permite conhecê-Lo, o que é uma Boa Nova.

Um padre idoso comoveu-me quando me disse: «Eu sofro de insónias. Felizmente, porque assim eu posso ler o Evangelho durante a noite. Não conheço nada mais belo». Uma estudante, que descobriu o Evangelho através de amigos, explicou o seu desejo de ser batizada com estas palavras: «Eu leio o Evangelho, vejo Jesus, eu amo-O, quero estar com ele». Eu espero vivamente que cada cristão tenha podido saborear uma mesma experiência<sup>4</sup>: quando lemos o Evangelho, vemos a pessoa de Jesus, queremos estar com Ele e aí voltamos sem cessar. Só assim podemos perceber o valor dos meios que Jesus nos deu para estar com Ele, sobretudo os sacramentos e a comunidade cristã.

A moral surge em segundo momento, porque quando amamos Jesus, amamos as pessoas que Ele ama e por quem deu a Sua vida. A moral cristã decorre da nossa relação com Deus, não a precede. Quando falarmos da nossa fé, comecemos pelo nosso relacionamento com Deus, é isso que é central. Mas o resto deve seguir, e descobrimos que imitar Jesus é exigente. Lembro-me do que me disseram sobre um padre no dia do seu funeral: «Quando o víamos, víamos Jesus». Aí está o nosso programa...

No início desta Quaresma, pudemos receber as cinzas com palavras como por exemplo: «Convertei-vos e crede no Evangelho». Pois bem, a primeira condição para o futuro da Igreja é que possamos dizer: «A Igreja é o Evangelho que continua»<sup>5</sup>. Estamos à procura de «receitas», de «estratégias». A primeira estratégia é viver o Evangelho, estar com Cristo, e estarmos com Ele juntos.

---

<sup>4</sup> Por exemplo nos grupos de leitura do Evangelho em casa.

<sup>5</sup> Charles Journet, A Igreja e a Bíblia, Edições Saint-Augustin, Saint-Maurice, 1960, pg. 45. Esta frase foi a conclusão da minha primeira carta pastoral, em 2012

Podemos exprimir a nossa «estratégia» usando as palavras de São Pedro: «Senhor, a quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna» (João 6,68). Esta «estratégia» é a que o Filho de Deus nos deu ao entrar no nosso mundo, e nós podemos confiar nele. Há muitas coisas a organizar, obviamente. Mas antes de as organizar, vamos converter-nos e crer no Evangelho. Se em nós virem Cristo, o futuro da Igreja estará assegurado mais do que por uma qualquer reorganização.

Se, quando se pergunta «o que é a Igreja?», a resposta espontânea for «é o Evangelho que continua», então o futuro não será nosso problema.



## **Diocèse de Lausanne, Genève et Fribourg**

rue de Lausanne 86, case postale 512, CH-1701 Fribourg | +41 26 347 48 50  
chancellerie@diocese-igf.ch | www.diocese-igf.ch